

**ESPAÇOS DIDÁTICOS:
ANÁLISE E CONCEPÇÃO¹**

**ESPACES DIDACTIQUES :
ANLYSE ET CONCEPTION**

Manar Hammad²

À questão geral de saber se uma semiótica do espaço é capaz de servir à concepção arquitetural e como ela poderá fazê-lo, substituiremos aqui por uma questão particular, relativa apenas aos espaços didáticos. Os elementos de resposta que propomos abaixo se apoiam na análise do seminário (Cf. Communications, 27) e da conferência (Cf. Bulletin, 6) conduzidos no quadro do atelier de semiótica do espaço do GRSL, análises em parte fundamentadas nos trabalhos do Grupo 197 (*Semiótica do espaço*, 1973).

A cada um dos discursos didáticos (dD) analisados, fizemos corresponder um PN³ explícito, mostrando a possibilidade de pôr em evidência um PN implícito e um encadeamento de PN. No plano da expressão espacial, descrevemos arranjos tópicos característicos (TOPOS = parte discreta da extensão, desempenhando um papel actancial num PN). Enfim, assinalamos uma dupla correspondência que nos parece notável: a cada um dos actantes que se manifestam de maneira preponderante corresponde um topos distinto, e, a uma diferença na divisão dos papéis actanciais, corresponde uma diferença no arranjo tópico. Duas questões portanto se apresentam:

- essa correspondência actante-topos pode ser interpretada como uma “projeção” dos actantes no espaço, como o fez H. Lefebvre para o espaço urbano, ou como o sugere I. Darrault nesse mesmo boletim? Em outros termos, o topos não é mais que uma aspectualização do actante antropomorfo?
- o liame entre um dD e um arranjo tópico é necessário num sentido ou noutro?

À primeira questão, a resposta é negativa, pois os *topoi* aparecem como dotados de um estatuto actancial (aqui, objeto valor e adjuvante); eles não são nem atados a um actante

¹ HAMMAD, M. Espaces didactiques : anlyse et conception. *Le Bulletin du Groupe de Recherches sémiolinguistiques (EHESS)*. Institut de la Langue Française (CNRS), n. 7, p. 30 – 32, 1979. Trad. Luiza Silva

² Pesquisador dedicado à semiótica do espaço, concentra atualmente seu trabalho em civilizações semíticas e seus espaços sagrados (Alepo, Meca e Palmira). E-mail: manar@noos.fr

³ No quadro da semiótica discursiva, corresponde a *Programa Narrativo*. (NdT)

antropomorfo, nem a um ator como uma necessidade da manifestação material no mundo natural: podem muito bem aparecer em ligação com um FAZER (cf. Grupo 107, op. cit.). À segunda questão, a resposta é também negativa: num arranjo tópico dado, é possível realizar diferentes PN tanto didáticos quando não didáticos. Os exemplos de ressemantização dos lugares são suficientemente numerosos para testemunhá-lo.

A negatividade das duas respostas não significa no entanto a impossibilidade da utilização dos resultados semióticos para um projeto de arquitetura didática. Retomemos os dD analisados. Os PN explícitos se remetem ali a um mesmo projeto: fazer adquirir uma certa competência segundo o saber. No entanto, fazem aparecer em graus diversos (mais claramente nas conferências) um segundo PN: fazer adquirir uma competência segundo o poder. De forma grosseira e aproximativa, trata-se de fazer assumir certas relações de poder fundamentadas na instituição e no saber, como acontece de modo privilegiado com a expressão espacial. Mais precisamente, é o arranjo tópico que suporta a estrutura das relações actanciais segundo o poder. A correspondência que nos parece se depreender das análises não é nem actante-topos, nem dD-arranjo tópico, mas está entre as relações actanciais e o arranjo tópico: uma vez que se trata de papéis actanciais específicos segundo a modalidade do poder, a correspondência se escreve:

estrutura tópica modal segundo o poder – arranjo tópico,

cujas hipóteses se confirmam no exame de diversas ressemantizações espaciais, em particular os reinvestimentos de monastérios, hospitais, escolas, prisões... nos sentidos diversos de uma categoria em outra: todos esses espaços têm em comum um certo arranjo tópico portador da mesma estrutura modal segundo o poder.

A repetição das sessões nos espaços didáticos constitui uma aprendizagem do uso do espaço (ação em geral e deslocamento em particular) em função de referenciais sociais (papéis e hierarquias). Ela conduz, enquanto discurso persuasivo, à formação de uma competência espaço-social que podemos comparar à competência espacial “pura” reconhecível na problemática da orientação do deslocamento, do cruzamento das extensões (em particular no problema do labirinto), pela qual o sistema de referência é colocado como sendo o dos “objetos”.

Na interação homem/meio-ambiente que temos tomado como objeto de nossa reflexão semiótica, os sistemas de referência (ou referenciais) são tanto sociais quanto espaciais, e o desenvolvimento efetivo dos programas (tanto didáticos quanto não didáticos) convoca uma competência que nos propomos a analisar no quadro de nosso ateliê neste ano. Se nossa hipótese atual relativa à correspondência entre as relações actanciais e o arranjo tópico é válida, ela

deveria se verificar e se clarificar através desse estudo da competência e de sua formação. A resposta à questão da elaboração do espaço didático resulta: se essa hipótese é válida, ela implica que a concepção do espaço didático começa pelo estudo das estruturas modais dos dD (e necessitaremos de todas as pesquisas introduzidas neste Boletim) assim como configurações tópicas correspondentes. E se o aparato de análise mobilizado até este estágio pode ser dito formal e neutro, as escolhas e decisões implicadas pela elaboração de um espaço assim programado convocarão opções que serão necessariamente axiologicamente marcadas, e portanto ideológicas

Essa direção da pesquisa, rica de possibilidades de aplicação, propõe pelo momento questões teóricas não resolvidas. Esperamos poder aproveitar do esforço coletivo que aqui se inicia para chegar lá.